

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.
DISCIPLINA: TCC
PROFESSOR: PROF. MS. JARBAS FERREIRA NUNES

DANIEL BEZERRA RAMALHO

DESENVOLVER A AFETIVIDADE COM JOGOS COOPERATIVOS

RUSSAS - CEARÁ
2015

DANIEL BEZERRA RAMALHO

DESENVOLVER A AFETIVIDADE COM JOGOS COOPERATIVOS

Artigo Científico apresentado na Disciplina de TCC, do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física sob a orientação do Prof. Ms. Jarbas Ferreira Nunes.

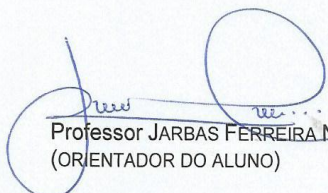
RUSSAS - CEARÁ


2015

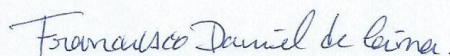
Ata de Defesa

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata dos Trabalhos da Comissão Examinadora do Artigo Científico do estudante **DANIEL BEZERRA RÂMALHO** para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física. Integraram a Comissão os Professores Jarbas Ferreira Nunes, Carlos Roberto Amaral de Lima e Francisco Daniel de Lima. Aos vinte e um dias do mês de novembro de 2015 às 8:00 horas, realizou-se a apresentação pública do Artigo Científico pelo estudante. O orientador abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Comissão Examinadora. Em seguida convidou o(a) estudante para que fizesse a exposição do trabalho intitulado: "DESENVOLVER A AFETIVIDADE COM JOGOS COOPERATIVOS". Finalizada a apresentação, cada membro da Comissão Examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Dando continuidade aos trabalhos, o orientador solicitou a todos que se retirassem da sala para que a Comissão Examinadora pudesse deliberar sobre o Artigo Científico do(a) candidato(a). Terminada a deliberação, o orientador solicitou a presença de todos e leu a ata dos trabalhos declarando aprovado(a) o Artigo Científico do(a) estudante. Em seguida, deu por encerrada a solenidade, da qual eu, JARBAS FERREIRA NUNES, coordenador da disciplina Artigo Científico no curso de Educação Física, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.


Professor JARBAS FERREIRA NUNES
(ORIENTADOR DO ALUNO)


Professor Carlos Roberto Amaral de Lima
(MEMBRO DA COMISSÃO EXAMINADORA)


Professor Francisco Daniel de Lima
(MEMBRO DA COMISSÃO EXAMINADORA)

Aos meus familiares que sempre apoiaram o meu esforço e dedicação para que pudesse adquirir conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria em almejar conhecimento para uma vida de aprendizado e por ter me conduzido durante esses anos acadêmicos. A minha mãe Ruth Helena Bezerra Ramalho pela força e incentivo.

A meu orientador Jarbas Ferreira Nunes, por ter acreditado em meu trabalho, pela sua paciência e apoio nos momentos de mudanças que se fizeram necessárias para desenvolver este trabalho.

A professora Gabriella Gonçalves que deu grande orientação nos estágios e por sua disponibilidade e amizade. Aos demais professores que cada um de sua maneira nos passou conhecimento. A Marta Bandeira pelo apoio pedagógico e incentivo nos vários momentos de descrença que encontramos ao longo dessa jornada.

A toda a turma que se empenhou e não mediu esforços para ajudar nos momentos que precisei. A todos os familiares e amigos que deram sua contribuição e apoio para que a cada semestre fosse uma batalha vencida, meu fraterno abraço.

RESUMO

O presente artigo trata da importância de refletir sobre a possibilidade de aumentar a afetividade de crianças e adolescentes utilizando os jogos cooperativos no processo de ensino dentro do âmbito escolar, visto que o professor é um importante mediador no processo educacional e conseqüentemente para uma vida na sociedade. Sendo assim a pesquisa foi elaborada dentro de concepção de grandes pesquisadores e estudiosos do tema como o Professor Fabio Otuzi Brotto um dos primeiros no Brasil na área do desenvolvimento dos jogos cooperativos, Vygotsky e Wallon, teóricos que influenciaram na prática do afeto para o desenvolvimento do ser humano. Visando aqui o objetivo de desenvolver nas crianças e jovens a capacidade de cooperar utilizando os jogos primeiramente como guia e conscientizando-os para quando se jogam juntos, todos ganham e os resultados positivos são muito mais satisfatórios.

Palavras-Chave: Importância. Afetividade. Jogos cooperativos. Desenvolver.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 JOGOS COOPERATIVOS E SEUS OBJETIVOS	10
1.2 AFETIVIDADE	12
1.3 JOGOS COOPERATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE	15
1.4 JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	18
1.5 JOGOS COOPERATIVOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	20
1.6 JOGOS COOPERATIVOS E SEUS RESULTADOS.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
FONTES.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A proposta de desenvolver a afetividade nos jogos cooperativos visa ajudar as crianças a aprenderem a trabalhar em grupos, muito por não existir uma faixa etária específica em cada jogo, desde crianças até adultos. O que mais importa em jogos cooperativos é a colaboração de cada indivíduo do grupo, e o que cada um tem para oferecer no momento da atividade.

A afetividade desenvolvida nessas crianças desde cedo, aflora um sentimento de união perante a sociedade, vejo que se for trabalhado isso nas demais séries ao longo de sua jornada escolar, certamente serão pessoas melhores, principalmente por se tratar de crianças de periferia, onde muitos convivem com situações de risco.

A contextualização dos jogos cooperativos surge a partir da preocupação e reflexão do quanto o individualismo e as práticas competitivas que vêm sendo valorizadas na sociedade e nelas produzem relações descomprometidas com o coletivo. Os principais aspectos para adaptar os jogos cooperativos no Brasil tiveram início por volta de 1980, tendo como representante principal o professor Fábio Otuzi Brotto, que compreende a aplicação desses jogos como um questionamento filosófico-pedagógico que favorece a ética, participação e melhor qualidade de vida para todos.

O autor Brotto (2001) afirma que nos jogos cooperativos, joga-se para superar desafios e não para derrotar os outros; joga-se para se gostar do jogo, pelo prazer de jogar. São jogos onde o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos. Tendo os jogos como um processo, aprende-se a considerar o outro como um parceiro, um solidário, em vez de tê-lo como adversário, e a ter consciência dos próprios sentimentos, e a colocarem-se uns nos lugares dos outros, operando para interesses mútuos.

Estes Jogos são elaborados para reduzir a pressão para competir, para proporcionar a relação e a participação de todos, além de aflorar a autenticidade e a alegria de jogar/brincar, fortalecendo as experiências em qualquer etapa/modalidade de ensino, em especial, na educação infantil onde o brincar é o componente central desse método. O autor ainda cita que os Jogos Cooperativos são jogos de compartilhar, unir e incluir, eles despertam a coragem para assumir riscos com

pouca preocupação com o fracasso e sucesso em si mesmos. Eles reforçam a autoconfiança e todos podem participar autenticamente, onde ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo. Dessa forma, os Jogos Cooperativos resultam no envolvimento total, em sentimentos de aceitação e vontade de continuar jogando. Sabemos que a competição aumenta a ansiedade, dificulta o diálogo e a integração entre os participantes, comprometendo a alegria e o prazer em jogar/brincar e experimentar. Quando pensamos sobre alegria, prazer, integração, diálogo, experiência e cooperação nos remetemos também à afetividade.

Compreendemos que a importância afetiva é essencial na constituição do ser humano, pois esta é a primeira demonstração do psiquismo que propulsiona o desenvolvimento cognitivo a partir das relações feitas pelo bebê com o meio social, favorecendo assim a abertura de vínculos estabelecidos pela consciência afetiva.

Para Wallon, uma grande referência nos estudos sobre afetividade, a personalidade humana é criada pela afetividade e inteligência como funções básicas. A afetividade é especificada por sensibilidades internas que orientam o sujeito para o mundo social, enquanto a inteligência estaria vinculada às sensibilidades externas e direcionada, portanto, para o mundo físico.

Nesse conjunto percebe-se o valor do papel afetivo para o progresso humano visto que este é um comando funcional que antecede à inteligência e determina as preferências específicas dos indivíduos. Como afirma Gonçalves (2003, p.14-15) Vygotsky também ressalta a relevância do aspecto afetivo em suas obras, afirmando que este possui tanta importância quanto os demais aspectos relacionados ao desenvolvimento humano e deve ser igualmente objeto de preocupação na educação. La Taille, Dantas e Oliveira (1992), afirmam que Vygotsky cita, nitidamente, que um dos primordiais defeitos da psicologia tradicional é a divisão entre os aspectos intelectuais de um lado e os afetivos de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos.

Tanto Vygotsky quanto Wallon enfatizam que a afetividade é vital em todos os seres humanos, em especial no desenvolvimento durante a primeira infância, estando presente desde o nascimento e nas experiências vivenciais dos sujeitos ao longo de suas vidas, principalmente no que se refere ao relacionamento com o “outro social”. Borba e Spazziani (2005) ressaltam que os autores compreendem que

apenas a sustentação fisiológica do ser humano, que é inerente, não assegura que o homem, sem o convívio com o entorno social, vá se converter em humano.

Com tudo, as particularidades do desempenho psicológico serão estabelecidas ao longo da vida do homem através de um processo de interação com o seu âmbito social, que permite tanto a apropriação da cultura implementada pelas gerações antecedentes, como também gerar cultura. Salienta-se assim a atribuição da escola enquanto um dos consideráveis fatores dessa constituição, onde as ações pedagógicas esboçadas e negociadas com as crianças poderão beneficiar inúmeras relações e experimentação.

Os conhecimentos recebido, constituintes da história de vida de cada um, viabilizarão a interpretação das compreensões internas, o que singulariza a constituição do próprio “eu”. A tese Walloniana reforça três momentos para a evolução da afetividade, são eles: a emoção, os sentimentos e a paixão. De acordo com Mahoney (2006), “a emoção é determinante na evolução mental da criança”, por isso quando ela responde a estímulos, indica sua emotividade sobre o ambiente, revelando como está sendo afetada por este. O sentimento é a entonação representacional da afetividade: observar, refletir, saber como agir etc. Pode ser expresso pela mímica e pela linguagem, ou seja, é um ato mais elaborado e menos instantâneo e direto, como na emoção. A paixão é a tentativa de dominar a emoção através do autocontrole, configura-se como ciúme, desejo de exclusividade (KNUPP, 2010).

A intenção aqui não é especializar ninguém, mas sim fazer com que um numero cada vez maior de pessoas possa conhecer uma outra forma primeiro de jogar e depois de viver. Quanto mais jogar, tenho certeza de que ficará seduzido pela proposta dos Jogos Cooperativos, e levará essa idéia para todos os lugares, multiplicando felicidade. Lembrando também que felicidade não da pra curtir sozinho, pois só é real quando compartilhada com o maior numero de pessoas possível.

Procuramos através das aulas de educação física proporcionar aos alunos do ensino infantil, fundamental e médio uma sensação de bem estar, de ser feliz junto dos colegas, fazendo que eles aprendam brincando e ver o quanto é importante conseguir atingir um objetivo.

Através deste trabalho, procuramos observar o planejamento dos professores, seus métodos de ensino e também a interação com as crianças.

Encontramos alguns problemas na observação devido às escolas municipais não ofertarem recreação na educação infantil, contudo, isso foi superado e nosso objetivo alcançado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 JOGOS COOPERATIVOS E SEUS OBJETIVOS

O surgimento dos Jogos Cooperativos foi elaborado por Terry Orlick, psicólogo canadense que nos anos de 1970 verificou que os jogos apresentavam a base social, retratando princípios da comunidade. Na sabedoria ocidental, raros são os jogos cooperativos já que a moral de competir e o de ser individualista são apreciados e têm sido vinculados por nossa comunidade e também por nosso sistema de ensino. Sendo assim, os Jogos Cooperativos constituem um desempenho da vida em comunidade, e sua narrativa teve criação há milhares de anos, quando membros dos grupos tribais se reuniam para celebrar a vida (ORLINK, 1982). Dessa forma, a ideologia da cooperação visa acrescentar no participante, um pouco de discernimentos opostos daquelas em que ele tem costume em lidar no dia-a-dia. Brotto (1999).

Os jogos cooperativos são tarefas que solicitam um trabalho em grupo para conseguirem metas reciprocamente admissíveis. Não é obrigado que os cidadãos que cooperam tenham os objetivos idênticos, todavia sua conquista deve acomodar contentamento para todos os componentes do grupo.

O jogo cooperativo procura utilizar as posições, experiências, características ou competências de cada cidadão, aplicá-las em uma equipe e tentar completar um propósito coletivo. O mais considerável é a ajuda de cada um, é o que qualquer um tem para ofertar naquele momento, para que o povo possa atuar com mais competência nos trabalhos especificados. Essa característica de jogo trás uma possibilidade ao jogo de rivalidade, onde, algumas ocasiões, o oposto passa a ser uma barreira ao qual tem que se passar de qualquer forma para alcançar o seu objetivo.

O jogo é um ambiente brilhante onde se geram indeterminadas ocorrências que exigem a cooperação na solução de problemas. Essa busca para solucionar problemas, é característica fundamental da estrutura cooperativa, acarreta em um sistema de investigação, seleção, e por fim tentar contestar a algumas dúvidas (*O que formar? Como formar? Quando formar? Onde agir?*) para interpretar a ação.

Desta maneira, o processo de cooperação no jogo pode ocasionar em um enriquecimento e progresso tanto único como do grupo e das exclusivas atividades recomendadas.

Os jogos cooperativos sugerem a procura de novas formas de jogar, com o objetivo de minimizar as protestações de hostilidade nos jogos, favorecendo modos de empatia, cooperação, interlocução, alegria e companheirismo.

A expectativa, a convicção e a conversa são as fundamentais particularidades dos jogos cooperativos. O jogo cooperativo procura a união de todos, a satisfação, o reconhecimento do indivíduo na edificação do processo de cooperação. Os jogos cooperativos buscam incluir e não excluir (Brown, 1994).

Cabe lembrar que conhecemos os jogos cooperativos como elementos fundamentais de um programa pedagógico tendo base na cooperação e determinação tranquila das desavenças, onde os meios colocados não sejam antiéticos.

Para Broto (2001), a convivência, a consciência e a transcendência são os principais eixos da pedagogia cooperativa.

Nos jogos cooperativos o combate é abolido e joga-se uns com os outros, ao contrario de uns contra outros. A transmissão e a imaginação são motivadas. Nos jogos cooperativos ocorre cooperação, que significa agir em união para ultrapassar um desafio ou atingir uma finalidade, enquanto que nos jogos competitivos cada pessoa ou time tenta alvejar um objetivo melhor do que o outro. Ex.: marcar gols, cumprir um percurso em menor tempo, etc.

A cooperação, disse Hartmann, é a força unificadora mais positiva que agrupa uma variedade de indivíduos com interesses separados numa unidade coletiva. (Orlick, 1989).

Segundo Fabio Otuzi Brotto

...são jogos onde o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos. Tendo os jogos como um processo, aprende-se a considerar o outro como um parceiro, um

solidário, em vez de tê-lo como adversário, e a ter consciência dos próprios sentimentos, e a colocar-se uns nos lugar dos outros, operando para interesses mútuos, priorizando a integridade de todos.. (2001)

Conforme Darido (2001), os jogos cooperativos encaminham-se, no âmbito da Educação Física, como uma nova vocação e com uma alegação diferente das vigentes, já que estimam a cooperação e não a competição. Os profissionais da área vêm se revelando apreensivos com o uso dos jogos em suas aulas, considerando que a Educação Física é interferida historicamente pela competição, através dos esportes de rendimento. Desta forma, a alegação dos jogos cooperativos “vem se revelando como a mais nova e mais adequada tendência ou concepção da Educação Física Escolar na busca por projetos educacionais não competitivos” (CORREIA, 2006, p.150).

De acordo com esse pensamento, entende-se que os jogos são constituídos para minimizar a pressão em competir, em promover a interação e a participação de todos e deixar aflorar a alegria de brincar com o intuito de unir, incluir e compartilhar.

1.2 AFETIVIDADE

Na teoria de Piaget, o aperfeiçoamento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e um afetivo. Afeto abrange afeição, gostos, intenções, vocações, princípios e emoções. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, tornando difícil encontrar uma conduta apenas da afetividade, sem nenhum componente cognitivo e vice-versa.

Segundo a teoria de Piaget “A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura. (1971)

De acordo com Arantes (2002), Piaget fala que não existe uma atuação de forma afetiva sem primeiro o sujeito empregar a cognição, ou seja, o sujeito deve por meio de seu intelecto compreender a condição pela qual ele passa, para ser capaz de trabalhar afetivamente em combinação com a provocação que sofrer. Piaget também menciona segundo Arantes (2002) que para existir a percepção de algum argumento, seja ele conceitual, ou prático, seja em um estabelecimento de ensino ou em um laboratório deve existir uma relação afetiva entre quem descreve o

pensamento e quem ganha à informação. Isso se dá, pois é através da comunicação que brota o proveito pelo objeto. Arantes propõe (2002) que Piaget usa uma representação entre o motor de um carro e a gasolina da seguinte forma: “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura” (ibidem.,p.5).

De acordo com Yves de La Taille (1992), Piaget relata o “ser social” como sendo o ser humano que ao conviver-se com seu próximo de forma a assegurar uma estabilidade na conversa, ou seja, o sujeito necessitará cogitar e refletir com o mesmo grau de progresso de idéias que o sujeito com quem ele conversa. Um jovem de dezesseis anos de idade não tem a mesma capacidade de raciocínio de um sujeito de trinta, bem como a forma de uma criança de cinco anos de idade se expor ira diferenciar-se muito com relação aos outros sujeitos mencionados, já que esta criança não consegue ser social com outras pessoas a ponto de trocar idéias edificadoras e com isso preservar um diálogo racional.

Para Martha Kohl (1992), Vygotsky menciona que o entendimento humano não desfruta de armações que desde o nascimento contém consciência. É através da vivência na sociedade e nas ligações com outros seres humanos que o sujeito produzirá novos entendimentos e novas convivências entre os instrumentos de estudo. A criança não nasce com a capacidade interna em sua mente, o conteúdo deve ser repassado pelo professor, mas somente transmiti-lo não é o bastante, a socialização com o educador, a discussão e troca de conceitos é importantíssimo para que a informação se fixe de forma que o aluno produza com suas próprias palavras o que foi assimilado.

Conforme sua obra, Vygotsky (2001), também cita a importância dos discernimentos edificados a partir da vivência do aluno, no significado de que as experimentações pelas quais ele passa no seu dia a dia, por meio destas unicamente se recordarão de certos pensamentos na hora dos estudos, mas também compreenderão o começo da definição, entenderão a explicação de existir aquele entendimento.

Levi Vygotsky (2006) evidencia a idéia que a linguagem desfruta um papel muito considerável na comunicação entre os seres humanos, do qual o ingrediente principal é a palavra. Conforme o autor a palavra não só serve como um ícone que distingue algo com o que o sujeito tem um convívio, ela é algo inerente e possui um conceito permanente. Para a criança em estabelecida etapa de seu progresso cria

significados para a linguagem que muda de acordo com seu desenvolvimento, por passar a ter novas percepções ao decorrer de sua vida. Segundo Morato (2000) é por meio da linguagem que se dá o convívio entre o pensamento e a linguagem para Vygotsky, o que auxilia para a composição de novas concepções ao pensar e meditar sobre o conteúdo ou interpretação aprendida.

No ponto de vista de Wallon, a edificação do homem e do instrumento com a qual ele construirá seu aprendizado depende da mudança entre afetividade, ou seja, com o modo como o sujeito vai associar o instrumento de estudo com o seu dia a dia, abordando frequentemente com o professor, firmando ligações mais íntimas com o professor, e a intelectualidade evidenciada pelo processo de cognição do aluno (Dantas, 1992).

De acordo com Wallon, na primeira fase de aperfeiçoamento, que é proporcional ao primeiro ano de vida do ser humano, o que prevalece é a ligação com o meio, a afetividade com outros sujeitos, a parte da inteligência ainda não está perceptível e o bebê interpreta por meio de observação, e ainda não é demonstrado em a linguagem (Dantas, 1992, p- 35 a 44).

A afetividade ampara a criança a sair do subjetivismo, tornando-se mais focado no que faz, e sendo cada vez mais dedicado no que faz de acordo como se desenvolve.

Wallon focaliza a matéria do meio na evolução do ser humano. A forma como o ser humano resistirá a alguns acontecimentos de afeto, ou, seja qual for as circunstâncias pela qual passar, dependerá muito do meio. Uma instante que o espaço modela a individualidade humana.

Para a psicanálise, afetividade é o aglomerado de acontecimentos psíquicos emitidos sob a forma de emoções ou sentimentos e agrupados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.

De acordo com Freud, toda exaltação se expressa nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de potencia e das suas modificações. A afetividade não transforma a estrutura no desempenho da inteligência, apesar disso, será capaz de abreviar ou alongar a progressão dos indivíduos, podendo até intrometer-se no desempenho das

estruturas da inteligência.

Ao mesmo instante em que certifica que diferentes culturas produzem modos diferentes de desempenho psicológico, Vygotsky (1998) adverte sobre o cuidado de não relativizarmos o papel que a afetividade detém para a promoção do desenvolvimento psicossocial do homem, colocando-a independentemente de especificidade culturais. Para ele, a afetividade desfruta de um caráter de ação volitiva, que encaminha toda atividade humana.

Quanto à afetividade, o psicanalista Sigmund Freud alegava que os elementos gerados pela psicanálise têm consequências importantes para o entendimento das relações inter-humanas, especialmente ao mostrar que o motivo de relação é um objeto individual construído pelo mundo interno fantástico (de fantasia) variando com nossos investimentos e em função de nossa história e de nossos estados afetivos (apud GOLSE, 1998).

A criança é um sujeito em evolução. Apesar de que ela traga consigo conhecimentos, qualidades e características que precisam ser aperfeiçoadas, ela manifesta necessidades físicas e psicológicas, e a qualidade e intensidade dos contatos afetivos que ela estabelece com os adultos interfere diretamente no percurso do seu desenvolvimento.

Prontamente devemos conceituar que a criança deseja e precisa ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida e desenvolver sua curiosidade. O acompanhamento do adulto deve ofertar à criança segurança física e emocional suficiente para que ela se sinta motivada a explorar mais o ambiente, aprendendo cada vez mais com as interações que ela estabelecerá com o meio e com as pessoas. A afetividade e a emoção nesse processo de interações constituem elementos básicos e essenciais à aprendizagem da criança (PORTO, 2007).

1.3 JOGOS COOPERATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE

Na ocasião que refletimos a respeito de animação, felicidade, globalização, conversa e cooperação, nos encaminhou também à afetividade. Compreendemos que a grandeza afetiva é primordial na formação do ser humano, assim sendo, esta é o primeiro surgimento da psicologia que propulsiona a evolução cognitiva a partir das relações executadas pelo bebê com o meio social, proporcionando desta forma

o começo de conexão determinados pelo espírito afetivo.

De acordo com Vygotsky, o brincar é princípio de evolução e de conhecimento, onde a criança se comporta de forma mais determinada do que na vida cotidiana, experimentando papéis e ações que estimulam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

No Ensino Fundamental, trabalham-se diversas proporções envolvidas no desenvolvimento humano, destacando-se as dimensões: social, afetiva e cognitiva, que obriga ser levadas em consideração de acordo com os diferentes momentos experimentados pela criança. Essas dimensões vão sendo implantadas e convertidas a partir de influências dos demais contextos que a criança experimenta na primeira infância, tendo a família e a escola como destaque.

De acordo com Benjamin (2002), o brinquedo e o brincar estabelecem uma linguagem que interpreta o relacionamento entre o adulto e a criança. Enquanto que o brinquedo, ao longo da sua história cultural, representa a proposta pedagógica do educador, o brincar expressa a resposta da criança com toda autonomia.

Para Benjamin:

A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. Talvez resida aqui a mais profunda raiz para o duplo sentido nos “jogos”: repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum. A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (2002, p.102)

Almeida (2006) “certifica que é valoroso saber que sucede cinco grandes pilstras básicas nas ações lúdicas das crianças em seus jogos, brinquedos e brincadeiras, estes pilares são”: a imitação, o ambiente, a imaginação, as normas e os valores. Esses pilares conseguem ter em suas sustentações lúdicas as formas de brincar que incluem a cooperação e a competição. No brincar cooperativo, o fundamento lúdico é brincar com o outro e não contra o outro. Desta maneira, os dois apresentam finalidades iguais, dividindo glórias e frustrações respectivamente. Na competição, o fundamento lúdico é o brincar em oposição ao outro, tendo este como oponente e barreira que deve ser superado seja qual for o custo, fazendo assim com que a glória e a frustração sejam divididas por apenas um ou alguns. Pois, a afetividade se manifesta pelos interesses, pela motivação, pelo grau de dinamismo e pelo gasto de energia.

A partir da observação de respostas obtidas pelas anotações colaborativas e teorias de campo, percebeu-se que as crianças constatarem atingir muito gosto e entusiasmo em realizar as atividades propostas. Esses também proporcionaram uma completa união dentre os membros do grupo a fim de alvejar finalidades comuns, contudo até este momento percebe-se uma execução de competitividade muito apontada no mesmo, o que foi classificado natural e previsto, desempenhando assim com que este trabalho solicite um tempo maior e execução de mais atividades/jogos cooperativos. Então, vale destacar-se que este argumento ainda encontra-se em evolução com o grupo de crianças, provocando no grupo de psicologia e dos professores envolvidos um frequente olhar e constantes planejamentos de jogos cooperativos. Essa observação recupera os princípios de Brotto, que tem os jogos como um regime de construção e consideração, onde os integrantes aprendem a conceituar o outro como um aliado, ter discernimento das próprias emoções, e pôr-se no lugar do próximo, preferindo assim a integridade de todos. Os jovens não viam seus amigos como opositores no decorrer das brincadeiras, notando-se que nessa situação eles estavam muito introduzidos, pois buscavam cooperar com as realizações dos colegas, opinando e buscando por ajuda, exibindo suas realizações e contemplando seus companheiros.

Nota-se igualmente que muitos envolvimento positivos foram demonstrados durante os jogos, como a animação, alegria, camaradagem, imaginação, interesse e serenidade. Poucas ligações negativas foram destacadas, como a violência e hostilidade em alguns períodos. Semelhante episódio foi concedido ao tempo de aplicação da atividade, fazendo-nos meditar em relação ao “tempo de cooperação”, onde na proporção em que as crianças apresentavam-se cansadas dos jogos e tarefas começavam a aparecer pequenas divergências que acarretavam o despertar desses sentimentos.

Para Borba:

“A experiência do brincar com as crianças, ou seja, de sermos parceiros de suas interações lúdicas, partilhando com elas decisões, escolhas, papéis e respeitando suas lógicas e formas próprias de organização e significação da realidade, cria um espaço de aproximação e de relações de afeto com elas.”
(2006, p.78)

Creemos que no legítimo compromisso, fundamentado na conversa e no se divertir com as crianças, reconhecemos a força (crianças e adultos) enquanto

sujeitos e interpretes sociais absolutos em nossos diferentes personagens, geradores e transformadores de nossa história e do mundo a nossa volta, em procura de vínculos mais cooperativos, afetivos e humanizados.

1.4 JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A educação física escolar é historicamente motivada pelo exercício de desempenho, além de, muitas vezes, destacar a disputa nas tarefas recomendadas. É este o modelo que a comunidade estabelece e, independentemente de não ser este o propósito das aulas, os alunos as tornam competitivas. O lance é que pode, sim, haver disputa, desde que exista respeito.

Nos anos 80, depois de uma série de transfigurações políticas, aparece uma nova corrente educativa, movimento revolucionário na Educação Física Escolar. Darido *et. al.* (2010), diz que na Educação Física surge novas tendências pedagógicas, com o intuito de ressignificar o papel desse componente curricular no ambiente escolar.

Essa temporada foi muito importante para chegarmos à Educação Física que protegemos.

Os jogos cooperativos apareceram como uma opção de conflito da irritação da competição, com o objetivo de auxiliar para a diminuição da competição vigorosamente instalada na sociedade moderna e, em especial, na cultura em que vivemos.

De acordo com Brotto (1999) o jogo e o esporte, na concepção dos Jogos Cooperativos, são situações deliciosamente ricas para a prosperidade pessoal e a harmonia social. Assim, com base nessa perspectiva, pode-se mudar o foco do egoísmo e da rivalidade que estão sempre presentes no ambiente escolar e melhorar o convívio, vivendo em comunhão uns com os outros.

O referido autor ressalta que o conhecimento é sempre uma aquisição compartilhada, que ocorre em alguma situação ágil de co-educação e cooperação, onde todos são ao mesmo tempo professores e alunos.

Os jogos cooperativos lidam fortemente com a sociabilização, trabalhos em equipe e a participação, além de favorecer o desenvolvimento físico-motor e a independência do aluno.

Em meio a uma comunidade de natureza competitiva, os jogos cooperativos,

sendo colocado nas escolas, fazem com que a recuperação do lúdico possa suceder, e que os alunos aprendam a respeitar as desigualdades, sejam crianças alegres, otimistas, inovadoras e cooperadoras. Segundo Barreto (2004), os jogos cooperativos se propõem a beneficiar o potencial transformador com a intenção de construir um tipo mais equilibrado de sociedade.

Velasquez (2001) comenta, os jogos cooperativos são trabalhos coletivos onde as finalidades dos integrantes são conciliáveis com uma maior socialização, produtora de prazer durante os jogos, pois todos buscam um intuito comum, participando e cooperando para que o jogo dê certo.

A Educação Física, é uma forma para o aperfeiçoamento dos indivíduos, é também uma forma de o jovem aprender uma maior qualidade de vida. Um dos fatores da Educação Física é ensinar o aluno para conviver de bem com a vida; daí a relevância de aumentar a cooperação, pois como afirma (Brotto, 2001, p.82) a Educação Física mobiliza desafios, reforça a confiança em si mesmo e no outro, incentiva a participação, ensina a ganhar e perder e aprimora a pessoa seja em termos pessoais ou coletivos. Também dá oportunidade a esse aluno de ser crítico, ser criativo e fazê-lo pensar.

Existe hoje, no meio educativo, principalmente no que diz respeito à disciplina de Educação Física, uma preocupação muito grande por parte dos professores desta área com relação às atividades recreativas. Para interagir ou para possibilitar a troca, o jogo, mas como uma pessoa de direito pleno.

Para Pozo:

A cooperação não proporciona apenas conflitos, mas também suporte ou apoio para resolvê-los. Os aprendizes se proporcionam ajuda, se corrigem mutuamente, constroem conjuntamente novos argumentos e idéias que de modo separado dificilmente teriam criado (2002, p. 259).

As regras existem para mim na mesma proporção que existem para o outro, só assim é possível “jogar”. A cooperação não apenas constrói saber sobre si e o outro, mas também o reconhecimento de que o Eu e o Outro não são idênticos e que a diferença entre eles precisa ser tratada de forma igual (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 178).

Na escola, mais propriamente nas aulas de Educação Física, é fundamental discernir a autenticidade do semelhante para que haja correlação nos jogos, entender que terei necessidades variadas, mas isto deve ser tratado e assimilado

com aceitação e entendimento de ser do outro. Existem os jogos motores, de reconhecimento, metafórico, educativo, cabendo ao professor fazer a concordância com as intenções que pretende para expandir a comunicação do grupo. O jogo é panorama dos quais os alunos podem perder e serem punidos, ou seja, é uma forma do aprendiz gerenciar sensação de desapontamento, de perda, ou compreender como triunfar com totalidade, honradez, entendendo as regras do jogo. Os jogos dão oportunidade de que se auxilie a dedicação, a persistência, a vontade de desempenhar propósitos, cumprir finalidades, perceber as respectivas deficiências; é a chance de conhecimento de si mesmo e de consideração aos demais que também estão jogando, compreender que é viável jogar mais e melhor quando possuímos parceiros, ajudamos, convivemos, relacionamos.

A vida unicamente como imposição e rivalidade ocasionaria a disseminação do homem. Os jogos cooperativos se amparam em virtude aos seus vínculos com o grupo, podendo amplificar inúmeras possibilidades. O homem é habilitado à gerar, através dos jogos, valores culturais e comportamentais e em virtude a essa coisa estabelece um estilo de estar e de oferecer entendimento ao mundo.

1.5 JOGOS COOPERATIVOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Esta nova promessa para a Educação Física na escola está traçada no reconhecimento da cooperação em desvantagem da competição. BROTTTO (1995), primordial propagador destes conceitos no país, fundamentado nos conhecimentos antropológicos de Margaret Mead, garante que é a base social que comanda se as partes de estipuladas sociedades, irão rivalizar ou cooperar entre si.

Os jogos não são coisas novas para divertir os jovens, mas uma proposição ligada com valores pedagógicos que querem divulgar, ambientes de formação emblemáticas do povo, locais, onde, a partir da cooperação, se dão os significados à prática que realizamos.

Apesar de tal argumento ser muito interessante na busca de princípios mais humanos e sejam permitidos, possível em termos de realização na prática, e objetiva para os professores de Educação Física, considerando o mérito do jogo, o questionamento parece não ter se desenvolvido, como necessitaria, nas análises sociológicas e filosóficas subjacentes a edificação de um padrão educacional voltado para a cooperação, além de não conceituar as repercussão do sistema rico sobre a

competição/cooperação na sociedade contemporânea.

De acordo com os objetivos proposto pela educação escolar no total, às áreas distintivas do entendimento, é provável ressaltar algumas particularidades comuns relacionado ao progresso da prática pedagógica. Os procedimentos de ensino e aprendizagem que se estendem, devem conceder que os alunos sigam gradativamente em relação ao seu crescimento pessoal e nas subseqüentes dimensões:

- A educação do jovem sujeito, entendendo o exercício dos deveres do cidadão e da cooperação social e política;
- Manifestar o interesse intelectual.
- As permissões e tarefas políticas, civis e sociais, que estará realizado pelas ações do habitual de companheirismo, cooperação e respeito;
- Elevar seu conhecimento, desvendando e entendendo a diversidade e dificuldade do mundo que os cerca.
- A percepção de análise e usar a conversa como maneira de intervir hostilidade e tomar solução geral.
- Incentiva o sentido crítico.
- Conquistar uma grande e moderna independência.

Com isso, os semblantes referentes à harmonia em grupo, de forma produtiva e cooperativa, apresentam-se como conhecimentos naturais a serem acrescentado no contexto educacional, independentemente do campo particular do saber.

O aprendizado deve ser especificado no sentido de conceder a cada aluno trabalhar com autonomia e no seu exclusivo ritmo, mas ao mesmo tempo é notável oferecer a ajuda e o trabalho em equipe. Em estudos já realizados se legitimou que os estudantes assimilam mais, apreciam mais da escola, constituem excelente relações com os outros, evoluem seu amor próprio e aprendem capacidades coletivas mais concretas quando empenha-se em equipes cooperativas, do que quando o constituem de maneira particular e competitiva.

De acordo com Brotto (1999, p.68), é pela participação nesses jogos que “tocamos uns aos outros pelo coração. Desfazemos a ilusão de sermos separados e isolados. E percebemos o quanto é bom e importante ser a gente mesmo e respeitar a singularidade do outro”. É possível reconhecer que os jogos cooperativos podem

ser compreendido como uma maneira de união entre os valores humanos e a comunhão das pessoas.

A realização dos jogos cooperativos nas escolas proporciona o progresso das competências sociais, colaborando para que as pessoas se tornem geradores na edificação de uma sociedade mais verdadeira e afetuosa, sendo preparados a trabalhar juntos para almejar finalidades que ajudem o coletivo. Nesta definição, as idéias dos jogos cooperativos consistem em uma única finalidade: a formação do sujeito.

Grande parte dos professores considera que lidar de forma cooperativa significa “juntar” um grupo de alunos de forma arbitrária, ou dar-lhes a autonomia para definirem os seus parceiros sem levar em conta se essa “escolha” vai favorecer ou, pelo contrario, danificar o grupo. Na realidade, isto mostra que as equipes de trabalho formado arbitrariamente, na maioria das vezes, não produzem o bastante e, como resultado, não funcionam de forma real.

Barnett (1993) afirma que “a falta de comunicação efetiva nos grupos de trabalho tradicionais se explica, em parte, pela ausência de um sentido rigoroso o que é (e como funciona) um grupo”. Por isso, de acordo com o autor, é de suma importância discriminar o grupo de parceiros constituídos para cooperar, do grupo habitual improvisado de principiantes que não se identifiquem e que não obtém referencias especifica para apoiar como iguais.

Desta forma, levando em conta os direitos do cidadão como base estrutural da metodologia de ensino, os jogos cooperativos trabalham os princípios de gentileza, igualdade, comunicação e companheirismo, relacionado ao tema transversal Ética, de que modo deve transpor as essências de todas as disciplinas representativas do ensino. Os temas transversais pertencem à série dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997a), elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Ensino Fundamental, em 1997. Darido et al. (2001, p.22) relatam como foi elaborado esse documento e consideram que:

“o discurso dos PCNs gira em torno da cidadania, entendendo a escola como um dos espaços possíveis de contribuição para a formação do cidadão crítico, autônomo, reflexivo, sensível e participativo. E, na perspectiva de consolidar tal objetivo, o documento apresenta como temática central os temas sociais emergentes, indicando-os como questões geradoras da realidade social e que, portanto, necessitam ser problematizados, criticados, refletidos e, possivelmente, encaminhados.”

Conforme os PCNs: introdução aos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1997b), é preciso estimular, no ambiente escolar, a vivência de trabalhos em grupo, para que os alunos possam estabelecer o diálogo, a interação e a cooperação, vistos como meios fundamentais para o convívio. Assim, o respeito às diferentes opiniões, a coordenação de vários pontos de vista e a convivência colaborativa são objetivos preconizados pelos PCNs, expressando, de forma geral, os próprios pressupostos inerentes aos jogos cooperativos.

1.6 JOGOS COOPERATIVOS E SEUS RESULTADOS

No jogo cooperativo, aprende-se a conceituar o outro que joga como um aliado, um compreensível, e não mais como o temeroso opositor. O homem quando joga aprende a se situar na posição do outro, privilegiando sempre as preferências coletivas.

São atividades para juntar pessoas, e intensificar a segurança em si próprio e nos outros que jogam. As pessoas podem integrar-se autenticamente, pois vencer ou perder são apenas informações para um sucessivo aprimoramento individual e coletivo.

Os jogos cooperativos têm resultados numa vontade de prosseguir jogando, e aprovar os demais como é efetivamente, pois os indivíduos estão mais libertos para entreter-se.

Jogar cooperativamente é aprender novamente a relacionar-se consigo mesmo e com as demais pessoas.

O jogo cooperativo causa libertação para nós na competição, seu intuito maior é a cooperação de todos por uma finalidade comum. A agressão física é integralmente excluída, qualquer membro controla seu próprio ritmo, todas as pessoas se enxergam como fundamentais e indispensáveis dentro do grupo. Elevando a convicção e auto – estima, buscando vencer desafios ou barreiras, sempre com satisfação e incentivo.

Os valores de conduta seguem dos valores que conquistamos quando brincamos e jogamos no tempo de nossa infância, portanto o padrão a que estamos expostos provirá no modelo que acompanharemos no jogo e fora dele.

Se hoje em dia ainda não visualizarmos muitas formas de cooperação indica

que as crianças não estão sendo formada num local que lhes possibilitem aprender por meio de bagagem que as sensibilizem para a cooperação.

Orlick (1989) define de forma primorosa o que é cooperar: “A cooperação exige confiança porque, quando alguém escolhe cooperar, conscientemente coloca seu destino parcialmente nas mãos de outros.”

Os Jogos Cooperativos são especialmente divertidos, pois os risos dentem a concentração de todos, e assim existe o abarcamento de corpo e alma.

São ofícios que tentam por meio dos jogos, minimizarem as demonstrações de violência, proporcionando boas condutas, tais como: comoção, amizade, cooperação e companheirismo, facilitando o encontro com os grupos que jogam, prevalecendo sempre os propósitos comuns sobre os propósitos individuais.

A expressão fundamental para que consigamos cooperar é acreditar, ou seja, ficar juntos, já que a confiança é a matéria prima da cooperação.

Durante os Jogos Cooperativos percebe-se com maior entendimento, a perfeição do jogo e examinar sem medo nem receio de ser esquecido; desenvolver junto com todas suas habilidades pessoais e interpessoais. É através dos jogos também que percebemos a nossa possibilidade de relacionar-se, e assim estimulamos a cooperação, a imaginação e a expressão pessoal de cada componente. Nesses jogos, disputamos com as nossas próprias limitações e capacidades e não mais contra os outros.

Os jogos cooperativos possuem várias características abolicionistas que são muito harmoniosos com o trabalho em equipe: Libertam da exclusão: a intenção é que todos possam participar para alcançar um objetivo comum; Libertam da exclusão: o traçado do jogo cooperativo procura a globalização de todos; Libertam para originar: originar é construir e, para construir, a solidariedade de todos é essencial. As regras são flexíveis, e os componentes podem ajudar para transformar o jogo; Libertam da violência física: seguramente consumimos energia na atividade física, mas se semearmos a violência física contra a pessoa, estaremos acordando um procedimento agressivo e impiedoso, o jogo cooperativo recomenda o contrário.

Os jogos cooperativos beneficiam algumas condutas essenciais para o desempenho da convivência: Evitam acontecimentos de afastamento; Minimizam as possibilidades de experimentos negativos; Favorecem o aprimoramento das competências motoras e capacidades físicas de aspecto prazeroso; Incentiva uma atmosfera de entusiasmo e tranquilidade; Desempenha a obediência e o

reconhecimento pelo diferente; Educa para além das regras e infraestrutura dos jogos.

Uma das especificações dos Jogos Cooperativos, ao contrario do que muitos pensam é propriamente não ter uma faixa etária particulares em cada jogo, mas, a expectativa de que os jogos podem e devem ser encaixados a equipe que participa. Portanto podemos afirmar que os Jogos Cooperativos são para as crianças muito pequenas e também para adultos de todas as idades.

Aqui deixo comprovado que a compreensão é formar um esboço de Jogos Cooperativos, permitindo a todas as idades, da criança até o adulto de todas as idades.

O educador necessitará na hora da elaboração das atividades olhar a idade dos integrantes, e, assim, adaptar qualquer atividade jogo a equipe.

Podemos afirmar com certeza, quanto mais novo é a equipe menos competitiva ela é. A criança pequena é muito suscetível aos estímulos cooperativos. Até os 04 ou 05 anos, elas não se fascinam por resultado final, tudo que almejam é a divertimento que o jogo pode proporcionar.

A melhor maneira de gratificar, quando o motivo é cooperação é exibir como a alegria, o trabalho recíproco e o lazer expande o espaço, e que todos fazem parte disso.

Na grande maioria das vezes, o grupo está tão comprometido com os propósitos interdependentes que não compreendem que, ao fim, o principal gloria é na pratica conseguir jogar “com” o outro e “vencer juntos”.

Se prêmios são empregados, obrigam ser dados a todos que participam, aqui devemos abandonar o nosso acatamento competitivo que persisti em premiar somente alguns em desvantagem de muitos.

O sistema educacional se utiliza muito da recompensa para, na visão dela entusiasmar a criança a assimilar, e esquece que essa forma é exclusivo, e que sempre vai haver incluído deste padrão poucos ganhadores e uma grande maioria de derrotados. Quando dizemos Escola para todos, dizemos igualmente em vencedores, pois todos que se esforçam para atingir finalidades devem ser respeitados.

É de suma importância investir em um orgulho proveitoso, pois só assim estaremos beneficiando um excelente conhecimento.

Segundo Brotto (2001) nestes jogos, chamados cooperativos, é considerável

deixar definido para todos os integrantes que: Não há seleção dos melhores porque cada um é vital para o jogo do momento. Não há primeiro nem último lugar porque o lugar que ocupamos é nosso lugar comum. Não há vencedores nem perdedores porque jogamos para 'VenSer', para vir a Ser quem somos plena e essencialmente. Não há adversários porque somos todos parceiros de uma mesma jornada. Não há troféus, medalhas ou outras recompensas porque já ganhamos tudo o que precisávamos ter... Para saber que a verdadeira conquista é poder continuar jogando uns com os outros, ao invés de uns contra os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações nos questionamentos da afetividade e dos jogos cooperativos ao decorrer desta obra apontaram que elas evidenciam diversos argumentos nas suas elaborações teóricas. Arriscar na Afetividade dos Jogos Cooperativos e na sua colaboração para que tenha uma variação nas aulas de Educação Física no decorrer da interação de tarefas que se adaptem a afetividade, a cooperação e exclusivamente a colaboração de todos é essencial.

Mesmo que a resistência de um grupo de alunos, habituados exclusivamente com o jogo competitivo, e da desconfiança de professores que se acham amedrontados pelo novo, e optam prosseguir a apresentar o que já está concluído, o conhecimento desenvolvido na exploração expressou que o acolhimento foi maior que a objeção. Na grande parte das aulas executadas, mesmo aqueles alunos que no início não queriam interagir, finalmente concordaram com a nova atividade e a sua proposta.

Jogos cooperativos devem ser compreendidos por meio da execução, ou, em outra linguagem, mediante ao respectivo ato de participar desses jogos. Os jogos não têm necessidade de serem explicados, mas vividos. Os jogos cooperativos aplicados neste artigo, com independência da zona característica do conhecimento, viabilizaram o pensamento e a existência da cooperação, do apoio mútuo, do sacrifício, do trabalho em equipe, da recreação e da incorporação do próximo.

Perante esses pensamentos, é provável verificar que os jogos cooperativos mostram realizações e fraquezas, pois, ainda que deixassem o progresso das práticas cooperativas, tendo em vista o problema, e alterar ações competitivas, não comprovam unicamente a confirmação da modificação social. Com isso, a utilização dos jogos cooperativos ocasiona a observação de que outras condutas cooperativas devem ser florescidas no convívio diário, nas sentenças diárias, na determinação de hostilidades e na respectiva forma de se observar no outro.

“Jogos cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar a consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais; em segundo lugar, promover efetivamente a cooperação entre as pessoas, na exata medida em que os jogos são eles próprios, experiências cooperativas.”

FONTES

- Escola Municipal Ana Xavier Lopes de Ensino Infantil e Ensino Fundamental
- Escola Estadual Manuel Matoso Filho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, MARCOS TEODORICO PINHEIRO, 1966 – **Jogos cooperativos: aprendizagens, métodos e práticas** / Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida. – 1.ed. – Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011. 128p.

AWAD, HANI ZEHDİ AMINE – **Brinque, jogue, cante e encante com a recreação: conteúdo de aplicação pedagógica teórico/prático**/Hani Zehdi Amini Awad. Várzea Paulista, SP: Fontoura Editora, 2012. 214p. (4ª edição)

BARROS, Josiane Fonseca de. **Afetividade e jogos cooperativos: reflexões sobre ações pedagógicas na educação infantil.**
<http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3035p.pdf> Acesso em 25/09/2015 às 22h15

BARROS, Josiane. **Afetividade e Jogos Cooperativos na Educação Infantil.**
<<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/42.pdf>> Acesso em 23/09/2015 às 23h10

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, SP: projeto cooperação, 2001.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos.** Criando Organizações onde todos podem VenSer... Juntos!
<http://api.ning.com/files/Y9EXEAE6NALMB4BGou**D2QzPKBBFdgX8AxyfHrF*1tOpBF12jKGaFMt4QjfGrGMIasWet66fsLHz0jn-Gjpeex28bZOwmD/JogosCooperativosnasOrganizaesFbioBrotto.pdf> Acesso em 07/09/2015 às 23h.

FISCHER, Juliana Kneipp Ribeiro. **Cidadania e Jogos Cooperativos: vivenciando práticas de cooperação em uma sala do ensino fundamental**
<http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol1_n1_2007/9_cidadania_e_jogos_cooperativos.pdf> Acesso em 21/09/2015 às 22h40

NETO, Giuseppe Bruno. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget.**
<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf> Acesso em 28/09/2015 às 22h35

OLIVEIRA, Berenice Neves Grisoste. **Afetividade na Educação Infantil.**
<<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/afetividade-na-educacao-infantil.htm>>
Acesso em 10/09/2015 às 22h30

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. **Jogos e brinquedos na escola:** Orientação psicopedagógica. Editora Respel, 2014. 192 p.il.

VIEIRA, Martha Bezerra. **A importância dos jogos cooperativos como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física infantil.**
<<http://www.efdeportes.com/efd176/jogos-cooperativos-nas-aulas-de-educacao-fisica-infantil.htm>> Acesso em 23/09/2015 às 21h50

ANEXOS





